

LIÇÃO 8 - Geração por Arte e por Natureza ou por Arte Sozinha. Geração de Compostos, Não de Formas Substanciais ou Acidentais

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 9: 1034a 9-1034b 19

“ 615. No entanto, alguém poderia levantar a questão de por que algumas coisas vêm a ser tanto por arte quanto por acaso, como a saúde, enquanto outras não, como uma casa.

616. E a razão é que, em algumas delas, a matéria, que é o princípio da geração no fazer e produzir de tudo que vem a ser por arte, e na qual alguma parte da coisa feita está presente, a matéria dessas, digo, é tal que pode mover-se a si mesma, enquanto as matérias de outras não podem. E, do primeiro tipo, algumas podem mover-se a si mesmas de uma maneira especial, e outras não; pois muitas coisas podem mover-se a si mesmas, mas não de alguma maneira especial, como na dança. Aquelas coisas, então, cuja matéria é desse tipo, por exemplo, pedras, só podem ser movidas por outra coisa. No entanto, de outra maneira, elas podem mover-se a si mesmas, como no caso do fogo. E por essa razão, algumas coisas não existirão separadas de alguém que possua uma arte, enquanto outras existirão; pois elas serão movidas ou por aquelas coisas que não têm arte ou por aquelas que a têm em parte.

617. E é evidente pelo que foi dito que, em certo sentido, todas as coisas vêm de algo que é unívoco (como as coisas naturais), ou de algo que é unívoco em parte (como uma casa vem de uma casa, ou por meio da mente; pois a arte é uma forma), ou de uma parte ou de algo que tem uma parte, a menos que venha a ser por acidente.

618. *Pois a primeira e própria causa da produção de qualquer coisa é uma parte da coisa produzida; pois o calor no movimento produz calor no corpo; e isso é ou a saúde ou uma parte da saúde, ou alguma parte da saúde ou a própria saúde decorre disso. Daí diz-se que causa saúde, porque causa aquilo de que a saúde decorre, e do qual a saúde é um acidente. Portanto, assim como nos silogismos a base de tudo é a substância (pois um silogismo procede da quiddidade de uma coisa), também neste caso os processos de geração procedem dela.*

619. *E as coisas que são constituídas pela natureza são semelhantes a estas; pois a semente produz algo da mesma forma que as coisas que operam pela arte; pois ela contém a forma em potência, e aquilo de onde a semente vem [e a coisa que ela gera] são, em certo sentido, unívocos, pois não é necessário investigar todas as coisas da mesma forma que fazemos quando dizemos que um homem vem de um homem; pois uma mulher também vem de um homem. Por isso, uma mula não vem de uma mula, a menos que haja algum defeito. E quaisquer coisas que surgem por acaso, como algumas coisas artificiais fazem, são aquelas cuja matéria pode ser movida por si mesma pelo próprio movimento pelo qual a semente se move. Mas aquelas coisas cuja matéria não possui essa capacidade não podem ser geradas de outra forma senão pelos próprios agentes.*

620. *Ora, não é apenas com referência à substância que nosso argumento prova que o princípio específico não vem a ser, mas o raciocínio comum também se aplica de forma semelhante a todos os gêneros primários, como quantidade, qualidade e as outras categorias. Pois uma esfera de bronze como tal vem a ser, mas não a esfera ou o bronze; se vem a ser, é no bronze (porque é sempre necessário que a forma e a matéria pré-existam). Isso também deve ser o caso com a quiddidade, com a qualidade, com a quantidade, e também com as outras categorias; pois a qualidade não vem a ser, mas a madeira de tal qualidade; e a quantidade não vem a ser, mas tanto de madeira ou um animal tão grande.*

621. *Mas a partir dessas observações é possível aprender uma propriedade da substância, a saber, que deve sempre pré-existir outra substância atual que a produza; por exemplo, um animal deve pré-existir se um animal é gerado. Mas a quantidade e a qualidade devem pré-existir apenas em potência.*

COMENTÁRIO

1436. Tendo mostrado que as formas separadas não são a causa da geração nestes corpos inferiores, o Filósofo agora esclarece algumas coisas que poderiam ser consideradas problemas relacionados aos pontos já estabelecidos. Isso se divide em três partes, na medida em que há três problemas que ele pretende esclarecer. A segunda parte (617:C 1443) começa onde ele diz "E é evidente"; e a terceira (620:C 1458), nas palavras, "Ora, não é apenas". Em relação à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro (615:C 1436), ele expõe o problema. Segundo (616:C 1437), ele o resolve ("E a razão").

O primeiro problema decorre de uma afirmação que ele havia feito acima (609:C 1412) de que, quando o princípio da saúde é a forma na mente, a saúde é então um resultado da arte; mas quando a saúde não é resultado deste princípio, mas apenas do ato de aquecer, a saúde ocorre por acaso, por exemplo, quando a saúde acontece como resultado de uma fricção vigorosa. Mas isso não pode ser verdade para tudo o que vem a ser pela arte; pois uma casa nunca é produzida por nenhum princípio, exceto a forma de uma casa na mente, e assim ela sempre virá a ser pela arte e nunca por acaso. Portanto, o problema é por que algumas coisas, por exemplo, a saúde, às vezes vêm a ser pela arte e às vezes por acaso, enquanto outras, por exemplo, uma casa, vêm a ser apenas pela arte e nunca por acaso.

1437. E a razão (616).

Ele então resolve o problema. Ele diz que a razão para a diferença acima mencionada no caso das coisas artificiais reside no fato de que a matéria da qual a geração começa, na medida em que é a base para fazer e produzir qualquer uma das coisas que ocorrem pela arte, é tal que contém alguma parte da coisa gerada. Pois a matéria deve ter alguma aptidão para a forma, porque nem todo artefato pode ser produzido a partir de qualquer matéria, mas cada um a partir de uma matéria definida; por exemplo, uma serra não é produzida a partir de lã, mas de ferro. Portanto, a própria aptidão do artefato para uma forma, que está na matéria, já é alguma parte do artefato que está na matéria; porque sem essa aptidão o artefato não pode existir; por exemplo, não pode haver uma serra sem dureza, pela qual o ferro está disposto para a forma de uma serra.

1438. Mas essa parte é encontrada na matéria de duas maneiras: às vezes de tal forma que a matéria pode mover-se a si mesma por essa parte, ou seja, pela parte da forma existente dentro dela, e às vezes não. Por exemplo, no caso do corpo humano, que é a matéria da saúde, há um poder ativo pelo qual o corpo pode se curar a si mesmo, mas no caso de pedras e madeiras não há poder ativo pelo qual a matéria possa ser movida para receber a forma de uma casa.

1439. E se a matéria pode ser movida para receber uma forma por uma parte da forma que existe nela, isso pode ocorrer de duas maneiras. Pois às vezes pode ser movida por um princípio intrínseco, que é a parte mencionada acima, da mesma forma que é movida pela arte, como ocorre na restauração da saúde; pois a natureza do corpo humano age da mesma maneira em relação à saúde que a arte. Mas às vezes a matéria não pode ser movida por um princípio intrínseco da mesma forma que é movida pela arte, embora possa ser movida por si mesma de alguma maneira. Pois há muitas coisas que podem ser movidas por si mesmas, mas não da mesma forma que são movidas pela arte, como é evidente no caso da dança. Pois homens que não têm a arte da dança podem se mover, mas não da maneira como se movem aqueles que têm essa arte.

1440. Portanto, aquelas coisas artificiais que têm esse tipo de natureza, como uma casa feita de tijolos, não podem se mover por si mesmas; pois não podem ser movidas a menos que sejam movidas por outra coisa. Isso é verdade não apenas para as coisas artificiais, mas também para as naturais; pois desta forma também a matéria do fogo não pode ser movida para receber a forma do fogo a menos que seja movida por outra coisa. E é por isso que a forma do fogo é gerada apenas por outra coisa. Daí segue-se que algumas coisas artificiais não podem vir a ser a menos que haja algo que possua arte, ou seja, aquelas que não têm em sua matéria nenhum princípio que possa mover sua matéria para receber uma forma, ou que não podem causar movimento da

maneira como a arte o faz.

1441. E aquelas coisas que podem ser movidas por algum princípio extrínseco que não possui arte, podem tanto ser como vir a ser sem a intervenção da arte; pois as matérias destas são movidas por coisas que não possuem arte. Ele esclarece isso de duas maneiras: primeiro, apontando que isso pode acontecer na medida em que podem ser movidas por certos outros princípios extrínsecos que não possuem arte; e segundo, quando "a matéria é movida por uma parte" [ou seja, do composto], ou seja, por algum princípio intrínseco, que é alguma parte da forma, por exemplo, quando a saúde é restaurada ao corpo humano por algum princípio intrínseco que é uma parte da forma.

1442a. Ora, deve-se notar que algumas pessoas, por causa das palavras que são usadas aqui, afirmam que em toda geração natural a matéria contém algum princípio ativo, que é a forma pré-existente potencialmente na matéria e uma espécie de começo da forma; e assim é chamada de parte da forma. E eles tentam estabelecer isso, primeiro, a partir das afirmações feitas aqui; pois Aristóteles parece dizer aqui que aquelas coisas cuja matéria não contém princípio ativo são produzidas apenas pela arte; e portanto eles pensam que algum princípio ativo deve estar presente na matéria das coisas que são geradas pela natureza.

1442b. Segundo, eles tentam estabelecer isso a partir do fato de que todo movimento cujo princípio não é intrínseco à coisa movida, mas extrínseco a ela, é um movimento violento e não natural. Pois se não houvesse princípio ativo na matéria daquelas coisas que são geradas pela natureza, o processo de geração dessas coisas não seria natural, mas violento; ou, em outras palavras, não haveria diferença entre gerações artificiais e naturais.

1442c. E quando se argumenta contra eles que, se a geração daquelas coisas que ocorrem pela natureza é a partir de um princípio intrínseco, tais coisas não precisam, portanto, de nenhum gerador extrínseco, sua resposta é: assim como o princípio intrínseco não é uma forma perfeita, mas uma espécie de começo da forma, também não é um princípio ativo perfeito no sentido de que possa agir por si mesmo para efetuar a geração; mas tem alguma semelhança com um poder ativo na medida em que coopera com um agente extrínseco. Pois se o objeto móvel não contribui em nada para o movimento produzido por um agente externo, o movimento é violento; porque a violência existe quando a coisa que sofre a mudança é movida por um princípio extrínseco e ela mesma não contribui com nada para a mudança, como é afirmado no Livro III da *Ética*.

1442d. Ora, essa opinião parece assemelhar-se àquela expressa pelos que afirmam que as formas estão ocultas; pois, uma vez que uma coisa age apenas na medida em que é atual, se as partes ou princípios das formas que existem na matéria têm algum poder ativo, segue-se que elas são atuais em algum grau; e isso é sustentar que as formas estão ocultas. Além disso, como o ser é anterior à ação, uma forma não pode ser entendida como agindo antes de existir atualmente.

1442e. Portanto, deve-se dizer que, assim como apenas os seres vivos são encontrados movendo-se a si mesmos localmente, enquanto outras coisas são movidas por um princípio extrínseco, ou seja, por um que gera ou remove algum obstáculo, como é afirmado no Livro VIII da *Física*, da mesma forma apenas os seres vivos são encontrados movendo-se a si mesmos com os outros movimentos. Isso porque se descobre que eles possuem partes diferentes, das quais uma pode ser

um motor e a outra algo movido; e isso deve ser verdade para tudo o que se move a si mesmo, como é provado no Livro VIII da *Física*. Portanto, na geração dos seres vivos, encontramos um princípio eficiente intrínseco, que é o poder formativo na semente. E assim como os seres vivos têm um poder de crescimento, que é responsável pelo movimento de aumento e diminuição, de maneira semelhante eles possuem um princípio motor intrínseco responsável pela mudança qualitativa do ser curado. Pois, como o coração não está sujeito a doenças, o poder natural que está presente nele, como em algo saudável, muda todo o corpo para um estado de saúde.

1442f. Portanto, o Filósofo está falando aqui de tal matéria que possui um princípio eficiente em si mesma, e não de coisas inanimadas. Isso fica claro pelo fato de ele comparar a matéria do fogo com a matéria de uma casa neste aspecto: ambas são movidas para receber sua forma por um princípio extrínseco. Não se segue, contudo, que o processo pelo qual os corpos inanimados são gerados não seja natural; pois, para ter movimento natural, não é necessário que o princípio de movimento presente na coisa movida seja sempre um princípio ativo e formal; mas às vezes é passivo e material. Por isso, no Livro II da *Física*, a natureza é distinguida em matéria e forma. E diz-se que a geração natural dos corpos simples procede desse princípio, como diz o Comentador em seu comentário sobre o Livro II da *Física*. No entanto, há uma diferença entre a matéria das coisas naturais e a das coisas feitas pela arte, porque na matéria das coisas naturais há uma aptidão natural para a forma, e esta pode ser levada à atualidade por um agente natural; mas isso não ocorre na matéria das coisas feitas pela arte.

1443. E isso é evidente (617).

Em seguida, ele esclarece o segundo problema que poderia surgir da discussão anterior; pois ele havia dito acima (614:C 1432) que tudo o que é gerado é gerado por algo que possui uma forma semelhante. Ora, isso não se aplica da mesma maneira a todas as coisas, e, portanto, ele pretende aqui esclarecer como isso se aplica de maneira diferente a coisas diferentes.

A respeito disso, ele faz duas coisas. Primeiro, distingue as diferentes maneiras pelas quais a coisa gerada é semelhante à coisa que a gera. Segundo (618:C 1448), explica essas maneiras ("Pois o primeiro").

Quanto ao primeiro ponto (617), deve-se notar que tudo o que é gerado por algo é gerado por ele própria ou acidentalmente. Ora, o que é gerado por algo acidentalmente não é gerado por ele segundo seja uma coisa de algum tipo especial. Portanto, no gerador não precisa haver nenhuma semelhança da coisa gerada; por exemplo, a descoberta de um tesouro não tem semelhança naquele que, ao cavar para plantar algo, descobre o tesouro acidentalmente. Mas um gerador em sentido próprio gera algo do mesmo tipo que ele. Portanto, em um gerador próprio, a semelhança da coisa gerada deve existir de alguma forma.

1444. Mas isso ocorre de três maneiras: Primeiro, quando a forma da coisa gerada pré-existe no gerador segundo o mesmo modo de ser e em uma matéria semelhante, como quando o fogo gera fogo ou o homem gera o homem. Esse tipo de geração é totalmente unívoco.

1445. Segundo, quando a forma da coisa gerada pré-existe no gerador, nem segundo o mesmo modo de ser, nem em uma substância do mesmo tipo; por exemplo, a forma de uma casa pré-

existe no construtor, não com o ser material que tem nas pedras e madeiras, mas com o ser imaterial que tem na mente do construtor. Esse tipo de geração é parcialmente unívoco, do ponto de vista da forma, e parcialmente equívoco, do ponto de vista do ser da forma no sujeito.

1446. Terceiro, quando a forma inteira da coisa gerada não pré-existe no gerador, mas apenas alguma parte dela ou uma parte de uma parte; como no medicamento que foi aquecido, pré-existe o calor, que é uma parte da saúde, ou algo que leva a uma parte da saúde. Esse tipo de geração não é unívoco de modo algum.

1447. Portanto, ele diz: "É evidente pelo que foi dito que, em certo sentido, todas as coisas vêm de algo que é totalmente unívoco, como as coisas naturais", por exemplo, o fogo vem do fogo, e o homem do homem; ou vêm de algo que é unívoco "em parte", em referência à forma, e equívoco em parte, em referência ao ser que a forma tem no sujeito; por exemplo, uma casa vem da casa que é a arte no construtor, "ou por meio da mente", ou por um hábito da arte; pois a arte de construir é a forma da casa. Ou, de uma terceira maneira, algumas coisas vêm da forma pré-existente no gerador, ou do próprio gerador que possui uma parte da forma acima mencionada. Pois o processo de geração pode ser dito resultar da forma ou de uma parte da forma, ou de algo que tem a forma ou uma parte da forma; mas vem de algo que tem a forma como de um gerador, e da forma ou de uma parte da forma como de algo pelo qual o gerador gera; pois não é a forma que gera ou age, mas a coisa que tem a forma gera e age por meio dela. Quero dizer com isso que uma coisa é gerada por algo semelhante a ela das maneiras mencionadas acima, a menos que aconteça de modo acidental; pois então não é necessário que nenhuma semelhança desse tipo seja observada, como foi explicado (C 1443).

1448. Pois o primeiro (618).

Aqui, ele explica as maneiras mencionadas acima pelas quais uma coisa vem de outra. Ele faz isso primeiro no caso das coisas artificiais; e segundo (619:C 1451), no caso das naturais ("E aquelas coisas que").

Ele diz, portanto, primeiro (618), que a coisa produzida deve vir de alguma parte, porque a primeira e própria causa da produção de qualquer coisa produzida é a parte dela que pré-existe naquele que a produz, e que é ou a própria forma do produtor ou uma parte da forma. Pois, quando o calor é causado pelo movimento, o calor está presente, em certo sentido, no próprio movimento como em um poder ativo; pois o poder de causar calor que está no movimento é, ele mesmo, algo pertencente ao gênero do calor; e o calor que está presente virtualmente no movimento causa o calor no corpo, não por uma geração unívoca, mas por uma equívoca; pois o calor no movimento e aquele no corpo aquecido não são da mesma natureza exata. Mas o calor é ou a própria saúde ou alguma parte da saúde, ou é acompanhado por alguma parte da saúde ou pela própria saúde.

1449. Ora, por essas quatro alternativas que ele apresenta, ele quer que entendamos os quatro modos pelos quais a forma da coisa que causa a geração pode ser referida à forma da coisa gerada. O primeiro deles ocorre quando a forma da coisa gerada está totalmente na coisa que causa a geração; como a forma de uma casa está na mente do mestre construtor, e a forma do fogo que é gerado está no fogo que o gera. O segundo modo ocorre quando uma parte da forma da coisa gerada está na coisa que causa a geração, como quando um medicamento quente restaura a

saúde aquecendo; pois o calor produzido naquele que está sendo curado é uma parte da saúde. O terceiro modo ocorre quando parte da forma está na coisa que causa a geração, não atualmente, mas virtualmente, como quando o movimento restaura a saúde aquecendo; pois o calor está presente no movimento virtualmente, mas não atualmente. O quarto modo ocorre quando a própria forma inteira está presente virtualmente, mas não atualmente, na coisa que causa a geração; por exemplo, a forma de dormência está na enguia que torna a mão dormente. E é semelhante no caso de outras coisas que agem por meio da forma inteira. Portanto, ele se refere ao primeiro modo pelas palavras "Ou a saúde"; ao segundo modo, pelas palavras "ou uma parte"; ao terceiro, pelas palavras "ou alguma parte da saúde segue-se disso"; e ao quarto, pelas palavras "ou a própria saúde". E, como o movimento causa o calor do qual a saúde se segue, por essa razão também se diz que o movimento causa a saúde, porque aquilo de que a saúde se segue ou resulta causa a saúde. Ou melhor, "aquilo que se segue e acontece como resultado do movimento", namely, o calor, causa a saúde.

1450. Portanto, é evidente que, assim como nos silogismos a base de todas as demonstrações "é a substância", isto é, a quiddidade (pois os silogismos demonstrativos procedem da quiddidade de uma coisa, uma vez que o termo médio nas demonstrações é uma definição), "assim também neste caso", ou seja, nas questões de operação, os processos de geração procedem da quiddidade. Nesta afirmação, mostra-se a semelhança do intelecto especulativo com o intelecto prático; pois, assim como o intelecto especulativo procede para demonstrar as propriedades dos sujeitos a partir do estudo de sua quiddidade, de modo semelhante o intelecto procede a partir da forma da obra, que é sua quiddidade, como foi dito acima.

1451. **E aquelas coisas** (619).

Aqui ele explica sua afirmação sobre as coisas artificiais em sua aplicação às coisas naturais. Ele diz que aquelas coisas que são constituídas pela natureza são semelhantes àquelas que vêm a ser pela arte; pois a semente age com o propósito de gerar, e isto é o que acontece no caso das coisas que vêm a ser pela arte; pois, assim como um mestre construtor não é uma casa em ato e não possui a forma que constitui uma casa em ato, mas apenas em potência, também a semente não é um animal em ato, nem possui uma alma em ato, que é a forma de um animal, mas apenas em potência. Pois na semente há um poder formativo que está relacionado à matéria da coisa concebida da mesma forma que a forma da casa na mente do construtor está relacionada às pedras e madeiras; mas há esta diferença: a forma de uma arte é totalmente extrínseca às pedras e madeiras, enquanto o poder da semente está presente na própria semente.

1452. Agora, embora a geração de um animal a partir da semente não proceda da semente como de algo unívoco, uma vez que a semente não é um animal, ainda assim aquilo de onde a semente vem é, em certa medida, unívoco com a coisa que dela provém; pois a semente vem de um animal. E neste aspecto, a geração natural não se assemelha à geração artificial; porque não é necessário que a forma da casa na mente do mestre construtor venha de uma casa, embora isso às vezes aconteça, como quando alguém faz o projeto de uma casa a partir do de outra. Mas é sempre necessário que a semente venha de um animal.

1453. Além disso, ele explica o que quis dizer com a frase "em certo sentido unívoco", porque nas gerações naturais não é necessário que haja sempre univocidade em todos os aspectos, como

ocorre quando se diz que um homem vem de um homem, "pois uma mulher vem de um homem" como agente; e uma mula não vem de uma mula, mas de um cavalo ou de um asno, e neste caso há alguma semelhança, como ele disse acima (614:C 1433). Além disso, como ele havia dito que deve haver univocidade em algum grau por causa daquilo de onde a semente vem, ele acrescenta que isso deve ser entendido "a menos que haja algum defeito", isto é, a menos que haja alguma deficiência do poder natural na semente; pois então o gerador produz algo que não é semelhante a si mesmo, como é evidente no nascimento de monstros.

1454. E "assim como naqueles", i.e., nas coisas artificiais, algumas vêm a ser não apenas pela arte, mas também pelo acaso, quando a matéria pode ser movida por si mesma pelo mesmo movimento segundo o qual é movida pela arte (mas quando não pode ser movida desta forma, então aquilo que vem a ser pela arte não pode ser produzido por nada além da arte), assim também neste caso algumas coisas podem vir a ser por acaso e sem semente, cuja matéria pode ser movida por si mesma desta forma "pelo movimento pelo qual a semente se move", i.e., com o objetivo de gerar um animal. Isto é evidente no caso daquelas coisas que são geradas a partir da putrefação, e que são ditas em certo sentido serem resultado do acaso, e em outro não, como foi explicado acima (C 1403). Mas aquelas coisas cuja matéria não pode ser movida por si mesma por esse mesmo movimento pelo qual a semente é movida, são incapazes de ser geradas de outra forma que não a partir de sua própria semente; e isto é evidente no caso do homem e do cavalo e de outros animais perfeitos. Ora, fica claro pelo que aqui é dito que nem todos os animais podem ser gerados tanto a partir de semente quanto sem semente, como afirma Avicena, e que nenhum pode ser gerado de ambas as formas, como afirma Averróis.

1455. Ora, deve-se observar que a partir do que foi dito aqui é possível resolver os problemas enfrentados por aqueles que afirmam que as formas geradas nestes corpos inferiores não derivam seu ser de geradores naturais, mas de formas que existem separadas da matéria. Pois eles parecem sustentar esta posição principalmente por causa daqueles seres vivos que são gerados a partir da putrefação, cujas formas não parecem vir de nada que lhes seja semelhante em forma. E, novamente, uma vez que mesmo nos animais que são gerados a partir de semente, o poder ativo de geração, que está na semente, não é uma alma, eles disseram que a alma do animal que é gerado não pode vir da semente. E eles procedem argumentando assim porque pensam que nenhum princípio ativo de geração é encontrado nestes corpos inferiores exceto o calor e o frio, que são formas acidentais, e não parece que formas substanciais possam ser geradas por meio destes. Tampouco parece que o argumento que o Filósofo usou contra aqueles que postularam exemplares separados se aplica em todos os casos, de modo que as formas nas coisas que causam a geração são suficientes para explicar a semelhança de forma nas coisas que são geradas.

1456. Mas todas estas dificuldades são resolvidas pelo texto de Aristóteles se for examinado cuidadosamente. Pois é dito no texto que o poder ativo na semente, embora não seja um animal em ato, é no entanto um animal em potência. Assim, assim como a forma de uma casa na matéria pode vir da forma de casa na mente, também uma alma completa pode vir do poder na semente, com exclusão do intelecto, que é de um princípio extrínseco, como é dito no Livro XVI *Dos Animais*. E isto é verdade na medida em que o poder na semente vem de uma alma completa por cujo poder age; pois os princípios intermediários agem em virtude dos princípios primeiros.

1457. Ora, na matéria daquelas coisas que são geradas a partir da putrefação, existe também um princípio semelhante ao poder ativo na semente, pelo qual a alma de tais animais é causada. E assim como o poder na semente vem da alma completa do animal e do poder de um corpo celeste, de modo semelhante o poder de gerar um animal que existe na matéria putrefata vem apenas de um corpo celeste, no qual todas as formas das coisas que são geradas estão presentes virtualmente como em seu princípio ativo. E ainda que qualidades ativas operem, elas não agem por seu próprio poder, mas em virtude de suas formas substanciais às quais estão relacionadas como instrumentos; como é dito no Livro II *Da Alma* que o calor do fogo é como um instrumento da alma nutritiva.

1458. **Ora, não é apenas** (620).

Então ele esclarece o terceiro problema que poderia surgir de suas observações; pois ele havia provado acima que não são formas que são geradas, mas coisas compostas, e alguém poderia ficar perplexo se isto é verdadeiro apenas para as formas substanciais ou também para as formas acidentais. Portanto, seu objetivo aqui é enfrentar este problema, e por isso ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que isto é verdadeiro para ambos os tipos de formas. Ele diz que o argumento dado acima "com referência à substância", i.e., à categoria de substância, não apenas mostra que o "princípio especificador", ou forma, não vem a ser, mas é comum de modo semelhante "a todos os gêneros", i.e., às categorias, como quantidade e qualidade e assim por diante. "Pois uma esfera de bronze como tal vem a ser", i.e., um composto como uma esfera de bronze, "mas não a esfera", i.e., o que tem o caráter de uma forma, "ou o bronze", i.e., o que tem o caráter de matéria. E se uma esfera vem a ser em algum modo de falar, ela não vem a ser em si mesma, mas vem a ser no bronze; porque, para que a geração ocorra, a matéria e a forma devem pré-existir, como foi mostrado acima (599-602:C 1383-88). Assim, é "uma esfera de bronze como tal", a saber, o composto, que vem a ser, "e isto também deve ser o caso com a quididade", i.e., a categoria de substância, e com qualidade e quantidade, e também com as outras categorias. Pois "qualidade" não vem a ser, i.e., a própria qualidade, mas este todo que é "madeira de tal qualidade"; nem "quantidade" vem a ser, i.e., a própria quantidade, mas tanta madeira ou um animal tão grande.

1459. **Mas a partir destas observações** (621).

Ele mostra qual é a diferença entre substância e acidentes. Ele diz que devemos tomar esta característica como uma propriedade da substância em comparação com os acidentes, a saber, que quando uma substância é gerada, deve sempre existir outra substância que cause sua geração; por exemplo, no caso de animais gerados a partir de semente, se um animal é gerado, outro animal que o gere deve pré-existir. Mas no caso da quantidade e qualidade e dos outros acidentes, não é necessário que estes pré-existam em ato, mas apenas em potência, e este é o princípio material e sujeito do movimento. Pois o princípio ativo de uma substância só pode ser uma substância; mas o princípio ativo de acidentes pode ser algo que não é um acidente, a saber, uma substância.